

SALTO PARA O
FUTURO

ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

Ano XXI Boletim 07 - Junho 2011

SUMÁRIO

ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

Apresentação da série	3
<i>Rosa Helena Mendonça</i>	
Introdução	4
<i>Carla Borges</i>	
Texto 1: O que são espaços educadores sustentáveis	11
<i>Carla Borges</i>	
Texto 2: Escola sustentável: currículo, gestão e edificação	17
<i>Tereza Moreira</i>	
Texto 3: Vida sustentável: ações individuais e coletivas	22
<i>Rachel Trajber</i>	

ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

APRESENTAÇÃO DA SÉRIE

Hoje nos encontramos numa fase nova na humanidade. Todos estamos regressando à Casa Comum, à Terra: os povos, as sociedades, as culturas e as religiões. Todos trocamos experiências e valores. Todos nos enriquecemos e nos completamos mutuamente.

Leonardo Boff¹

O planeta como a casa comum. Essa é uma imagem potente que precisamos urgentemente assumir e transmitir às crianças e aos jovens nos diversos espaços de convivência que compartilhamos, no dia a dia, e que podem se constituir em espaços educadores.

Entre esses espaços, as escolas são lugares privilegiados. Nelas, cotidianamente, crianças, jovens, adultos e idosos, todos, enfim, convivem, ensinando e aprendendo. Ao trazer dos lares e comunidades experiências que podem ser socializadas, todos levam da escola informações e vivências que são ressignificadas, criando redes de conhecimentos.

A TV Escola, por meio do programa Salto para o Futuro, pretende com a série *Espaços educadores sustentáveis* ser um dos elos dessa rede, contribuindo, assim, para a divulgação e a circulação de propostas no âmbito

da Educação Ambiental. A série que conta com a consultoria de Carla Borges (CGEA/MEC), problematiza a noção de espaços educadores sustentáveis, a partir de três eixos: sociedade, escola e ações individuais e coletivas.

Os textos que compõem esta publicação e as entrevistas e matérias dos programas televisivos possibilitam reflexões sobre a temática. Nas reportagens são apresentadas experiências em escolas, ONGs e em outros espaços. De experiências individuais a políticas públicas voltadas para a sustentabilidade, o importante é ressaltar que nenhum espaço social pode estar fora dessa rede que tece o compromisso com um planeta que é a casa em que vivemos e que vamos deixar de legado às futuras gerações.

Rosa Helena Mendonça²

1 In: <http://www.leonardoboff.com> - *Casamento entre o céu e a terra*. Salamandra, Rio de Janeiro, 2001.p 9.

2 Supervisora pedagógica do programa Salto para o Futuro/TV ESCOLA (MEC).

ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

INTRODUÇÃO

Carla Borges¹

Por muito tempo, os seres humanos basearam-se na exploração dos recursos naturais para sobreviver e se desenvolver. Com intensidade crescente, eles têm convertido os serviços ambientais, como a água, a fertilidade dos solos, a diversidade de plantas e animais, em bens de consumo, com consequências devastadoras para o planeta. Conforme já se percebia na primeira Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Rio-92, tais padrões têm causado sérios impactos ambientais, sobretudo no que diz respeito ao clima.

Inúmeras alterações climáticas que atingem diretamente as populações humanas, em especial as mais pobres e vulneráveis, já começam a ser observadas. Ainda que alguns desses fenômenos façam parte de processos chamados “naturais”, são comprovadamente acentuados pela ação humana. Os últimos relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) não

deixam dúvidas quanto à influência da espécie humana sobre os desastres ambientais que têm nos assustado por sua frequência e intensidade.

As tragédias provocadas pelas chuvas na cidade de São Luiz do Paraitinga (SP) e no Estado do Rio de Janeiro, assim como os terremotos do Haiti, Chile e Japão, são exemplos chocantes desse ciclo perverso. Mostram-nos que não apenas os eventos extremos têm sido cada vez mais severos, mas também que a ocupação maciça e impensada de zonas de vulnerabilidade e o despreparo tanto para evitá-los como para reagir a eles, têm transformado tais fenômenos em verdadeiras catástrofes, com perdas ambientais e humanas imensuráveis.

Além dos impactos sobre o meio, a civilização baseada na superprodução para o superconsumo, com distribuição desigual e injusta de riquezas, tem também deixado à deriva uma ampla margem da população mundial,

¹ Bacharel em Relações Internacionais e Mestre em Educação, consultora da Coordenação Geral de Educação Ambiental do Ministério da Educação. Consultora da série.

que vive em condições sub-humanas. Por isso, não se pode mais falar em proteção e cuidado ambiental sem falar de inclusão, de distribuição equitativa de renda, de economia solidária, de reutilização e reaproveitamento dos materiais.

Fica evidente, assim, que o social e o ambiental caminham juntos, estão vinculados, influenciam-se e determinam-se mutuamente. Por isso, preferimos falar que os desafios enfrentados hoje não são apenas ambientais, mas *socioambientais*. Dizem respeito ao impacto provocado no ambiente natural pelas sociedades humanas em sua trajetória histórica que, por sua vez, gera impactos sobre a qualidade da própria vida humana no planeta. “Têm, assim, um efeito bumerangue: tudo que fazemos ao meio ambiente volta para nós mesmos, modificando nossa qualidade de vida e comprometendo inclusive a possibilidade de nossa permanência na Terra”². Da transformação dos estilos de viver e se desenvolver da humanidade depende, portanto, a reversão dos cenários alarmantes sinalizados e já testemunhados.

Não se trata apenas de reduzir impactos, de mitigar ou minimizar os danos causados, mas de propor uma mudança na maneira como vemos o mundo, a nós mesmos e as

nossas relações com os demais seres vivos. Para isso, precisamos mudar valores, atitudes e comportamentos individuais e coletivos, além de encontrarmos novos modos de vida e novas formas de convivialidade.

Essa transformação passa, necessariamente, pela educação – especialmente a educação ambiental – que deve ser incluída nesse debate de maneira qualificada, de forma a apontar medidas concretas e imediatas para fazer face aos desafios socioambientais evidenciados. Ela desempenha um papel fundamental para fazer face a essa crise, reafirmando a contribuição estratégica para a transformação da qual tão urgentemente precisamos.

Essa educação ambiental se insere organicamente na educação integral, que aponta múltiplos percursos possíveis a serem trilhados pela escola e pela comunidade, com a adoção de princípios e práticas sociais sustentáveis, além de favorecer o envolvimento direto dos sujeitos sociais no processo educativo. Essa concepção inovadora valoriza processos de transformação socioambiental, traz a contemporaneidade para o debate da função social da escola e potencializa sua capacidade de ressignificar tempos, espaços e o ambiente escolar. Mais que isso, mostra que é pos-

2 CZAPSKI, S.; TRAJBER, R. *Macrocampo de Educação Ambiental*. Brasília: Ministério da Educação, 2010.
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=192804&co_midia=2

sível transformar as escolas em verdadeiras referências de sustentabilidade. Tal é o objetivo da série *Espaços Educadores Sustentáveis*, do programa Salto para o Futuro.

A escola deve ser o local por excelência destinado à aprendizagem. Trata-se de um espaço em que as bases da cultura da sustentabilidade podem ser delineadas. Afinal, ela constitui peça-chave nessa necessária reorientação paradigmática. A série *Espaços educadores sustentáveis* visa a introduzir o debate a respeito de uma vivência concreta de sustentabilidade, com integridade de conceitos e práticas, mostrando que é possível transformar as escolas atuais e seu entorno em espaços educadores sustentáveis.

Tal processo pressupõe ensinar a compreender os princípios básicos da sustentabilidade, para sermos capazes de aplicá-los em nossa vida diária. Uma escola sustentável, assim, é aquela que transforma seus hábitos e sua lógica de funcionamento, reduz seu impacto ambiental e se torna referência de vida sustentável para sua comunidade, ampliando seu escopo de ação para além das salas de aulas.

O que temos observado é que, por meio de ações muitas vezes bastante simples, as es-

colas já têm encontrado maneiras criativas e acessíveis de revisar suas práticas e reduzir suas pegadas, ou seja, a marca que deixamos no planeta como resultado de nosso consumo desenfreado. Isso nos mostra que não apenas é possível transformar as escolas em espaços educadores sustentáveis, mas que esse é um processo já em curso.

A série quer dar visibilidade a essas iniciativas e fornecer meios para consolidá-las e fortalecê-las. Seu intuito é equipá-las de subsídios e ferramentas que lhes permitam deixar de se constituírem como iniciativas isoladas, para se transformarem em uma prática sistemática e difundida por todo o Brasil e apoiada pelas políticas públicas em educação ambiental.

O que se pretende, com a divulgação de práticas de sucesso, é que as escolas acreditem nesse sonho, promovendo uma gestão mais democrática e participativa e reorganizando o currículo na perspectiva da educação integral, ou seja, aquela que vê a aprendizagem a partir de uma perspectiva holística, revisitando, assim, os tempos, mas também os espaços e os formatos da educação, diluindo as fronteiras entre os mundos formal e o não-formal.

TEXTOS DA SÉRIE ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS³

A série pretende mostrar que é possível transformar as escolas em espaços educadores sustentáveis e que este processo já está em curso. Por meio de ações relativamente simples, as escolas têm encontrado maneiras criativas e acessíveis de se aproximarem do ideal de sustentabilidade. A série visa dar visibilidade a essas iniciativas e fornecer aportes técnicos para consolidá-las e fortalecê-las, de forma que deixem de ser ações isoladas e se tornem uma prática sistemática e difundida por todo o país.

TEXTO 1: O QUE SÃO ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

Em tempos em que falar de meio ambiente e sustentabilidade acabou virando modismo ou mesmo estratégia de *marketing*, é importante deixar muito claro o que de fato seriam espaços educadores sustentáveis. Um espaço pode ser educador sem ser sustentável e ser sustentável sem, necessariamente, ser educador. Compreender essas dimensões e distinções é fundamental para que a escola possa se transformar em um espaço efetivamente sustentável, tanto pela coerência de suas práticas e posturas, como por sua intencionalidade deliberada em educar para a sustentabilidade.

7

Ao se trabalhar esse conceito, pretende-se estimular que as escolas se identifiquem com os ideais de sustentabilidade, compreendam a importância de transformar suas atitudes e também seus objetivos de ensino e aprendizagem, tornando-se por fim referências de sustentabilidade para seus alunos e comunidade. As sementes plantadas na escola servem como fonte de inspiração e estímulo para a transformação do dia a dia dos que se alimentam delas. Esse é o caminho em que apostamos para promover a transformação de percepções, posturas e atitudes, e é o que precisamos para construir sociedades sustentáveis.

TEXTO 2: ESCOLA SUSTENTÁVEL: CURRÍCULO, GESTÃO E EDIFICAÇÃO

Conforme preconiza o Programa Mais Educação (Decreto nº 7.083/10 - art. 2º, inciso V), a criação de espaços educadores sustentáveis abrange a inserção da dimensão socioambiental nos currículos, na formação de professores e na elaboração de materiais didáticos; a gestão sustentável; e a readequação dos prédios escolares, incluindo a acessibilidade. Por isso, propõe-se uma ação articulada em três eixos: *currículo, gestão e espaço construído*.

Esta ação integrada compreende que a adaptação da estrutura física aos critérios ambientais é um importante passo para a sustentabilidade, mas de fato só fará sentido e terá um caráter educador se essas iniciativas forem incorporadas aos conteúdos curriculares e à gestão escolar de maneira sinérgica, interdependente e coesa. Não basta construir uma escola que respeite todos esses critérios se as práticas educacionais diárias não dialogarem com essa estrutura e com as técnicas de baixo impacto ambiental utilizadas. A ideia é que os alunos possam utilizar a escola como fonte de aprendizagem para mudar suas práticas e hábitos diários e levar essas aprendizagens para suas famílias e comunidades.

TEXTO 3: VIDA SUSTENTÁVEL: AÇÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS

Todos nós somos parte de um sistema integrado e complexo, em que cada ação individual pode provocar grandes impactos, positivos ou negativos, sobre o funcionamento dessa engrenagem socioambiental. E se compomos conjuntamente essa engrenagem, como células de um tecido orgânico que, em uma espiral, vai se combinando com outros cada vez mais complexos, até formar a biosfera, compreendemos então que cuidar do planeta passa necessariamente pelo cuidado de cada um consigo mesmo, com os outros e com o meio em que vivemos.

8

Por isso, faz-se importante revisar nossos padrões de consumo à luz da política dos 5Rs (refletir, reduzir, recusar, reutilizar e reciclar), questionar a lógica de produção e estimular ações de responsabilidade socioambiental empresarial e revolucionar os mecanismos de descarte, a fim de reduzir as marcas que deixamos no planeta.

Ao mesmo tempo, ainda que uma postura individual ética, coerente e sustentável seja fundamental para nos aproximarmos da mudança que queremos, sabemos também que é necessário ir além e despertar a consciência e um senso de responsabilidades coletivas. As ações precisam passar do nível individual para o social e a educação ambiental, ao educar para sociedades sustentáveis, cumpre um papel estratégico nesse sentido.

Os textos 1, 2 e 3 também são referenciais para as entrevistas e debates do PGM 4: Outros olhares sobre Espaços educadores sustentáveis e do PGM 5: Espaços educadores sustentáveis em debate.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, J. C. O Lixo Eletroeletrônico: Uma Abordagem para o Ensino Fundamental e Médio. http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc32_4/06-RSA10109.pdf
- AKATU. A árvore do Consumo Consciente na Escola. http://www.akatu.org.br/akatu_acao/publicacoes/consumo-consciente-na-escola/a-arvore-do-consumo-consciente/at_download/file
- BOFF, L. Saber Cuidar: a ética do humano. <http://cmapspublic2.ihmc.us/rid=1GMSLFWNB-5RXV9C-GSQ/Saber%20Cuidar%20-%20Etica%20do%20Humano.pdf>
- CARVALHO, I. Sujeito Ecológico: a dimensão subjetiva da ecologia. http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=193843&co_midia=2
- CZAPSKI, S.; TRAJBER, R. *Macrocampo de Educação Ambiental*. Brasília: Ministério da Educação, 2010. http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=192804&co_midia=2
- DEWEY, John. *Vida e Educação*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 106-179.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FREIRE, P.; SHOR, I. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 116p.
- JACOBI, P. Educar para a Sustentabilidade. http://www.ufmt.br/gpea/pub/jacobi_art.rev.fe-2005.abril%202005.pdf
- LAYARGUES, P. O Cinismo da Reciclagem. http://www.semebrusque.com.br/bibliovirtual/material/ea/ea_pdf0005.pdf
- LEGAN, L. Escola Sustentável. <http://www.maiscalango.com.br/info/apresentacao-aes2.pdf>
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. COM-Vidas e Agenda 21 nas escolas. <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao7.pdf>
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Política Nacional de Resíduos Sólidos, 2010. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Programa Municípios Educadores Sustentáveis. Programa Nacional de Educação Ambiental. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. 2ª ed. 27 p. <http://www.scribd.com/doc/4957819/Municipios-educadores-sustentaveis-cartilha>

MOLL, J. Conceitos e pressupostos: o que queremos dizer quando falamos de educação integral? Rio de Janeiro: Salto para o Futuro 2008.

http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/173859Edu_int.pdf

MORIN, E. Entrevista concedida a Fronteiras do Pensamento, em 2008: <http://www.youtube.com/watch?v=QJgDtOtf7r0>

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R. Educação Ambiental como Política Pública. 2007.

<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a10v31n2.pdf>

TRISTÃO, M. Tecendo os fios da Educação Ambiental.

<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a08v31n2.pdf>

PADILHA, P. R. Uma escola mais leve, mais bela e prazerosa. <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/freire/padilha.pdf>

PADILHA, P. R. O Projeto Político Pedagógico Ecológico.

SATO, M.; TRAJBER, R. Somos aprendizes de escolas sustentáveis.

SATO, M.; TRAJBER, R. Escolas que educam para a sustentabilidade. *Revista Pátio – Ensino Médio 5*, Editora Artmed, 2010.

WWF. Cartilha Pegada Ecológica WWF
http://assets.wwf.org.br/downloads/19mai08_wwf_pegada.pdf

TEXTO 1

O QUE SÃO ESPAÇOS EDUCADORES SUSTENTÁVEIS

Carla Borges¹

As escolas, tal como as concebemos hoje, são uma invenção relativamente recente na história da humanidade, marcadamente a partir das transformações trazidas pela Revolução Francesa. A educação, ao contrário, é tão antiga quanto a própria capacidade do ser humano em aprender. Diversas são as formas pelas quais os processos educativos têm se concretizado, mas fato é que, ao longo da história, a tradição de aprender uns com os outros e de transmitir conhecimentos acumulados ao longo de gerações sempre esteve presente em qualquer cultura e agrupamento social e pode ser considerada como parte da própria natureza humana.

Por isso, tudo o que acontece na vida das pessoas é dotado de um enorme potencial educativo. A maneira e a gradação com que elas se apropriam das experiências e informações à sua volta e as convertem em conhecimentos, atitudes e ações fazem parte de um processo de aprendizagem pessoal e social contínuo que cada indivíduo faz, às ve-

zes mesmo sem perceber, ao longo da vida. Daí a importância de consolidarmos uma visão ampliada de educação, capaz de ressignificar os espaços e os tempos, além de respeitar e valorizar a diversidade de atores e suas respectivas responsabilidades para com a sustentabilidade da vida. Uma educação que vá além dos muros escolares, que dialogue com as famílias, que englobe as comunidades e as transforme, ao mesmo tempo em que revise seu papel e suas práticas.

Por essa razão, se a escola surge para responder às necessidades de ensino e aprendizagem de um determinado modelo de organização social, é fundamental que ela esteja sempre atenta e disposta a adaptar-se às mudanças na maneira dos seres humanos de interagirem entre si e com o meio em que habitam. E, mais do que isso, deve visitar constantemente seus objetivos e funções, questionando para que presente/futuro queremos educar e que tipo de sociedades nós desejamos construir.

11

¹ Formada em Relações Internacionais e Mestre em Educação e consultora da Coordenação Geral de Educação Ambiental do Ministério da Educação. Consultora da série.

No entanto, o que observamos é que a escola tem adotado estruturas que nem sempre lhe permitem se adaptar na velocidade e dinamismo com que se transformam as correntes sociais. Seu potencial educador, portanto, depende diretamente de sua capacidade de responder às necessidades de aprendizagem de cada pessoa, em cada momento histórico e em cada contexto social. Além de oferecer conteúdos apropriados, metodologias significativas e propostas relevantes, que incitem à reflexão crítica e que dialoguem com a realidade de cada um, permitindo atuar em sua transformação.

O desafio que se impõe à escola neste início de século está posto: trata-se da capacidade de agir e reagir frente às mudanças socioambientais globais; de refletir sobre as ocorrências e de interpretar os fatos; de assumir uma postura ética e responsável diante dos reiterados avisos da biosfera de que é hora de parar e mudar as maneiras de agir, produzir e consumir. Esses são novos objetivos educacionais que dependem da abertura da escola para dialogar com temáticas emergentes (e emergenciais) com as quais se confrontam as presentes e as futuras gerações.

Em outras palavras, depende de sua capaci-

dade de se constituir em um local de educação de crianças, jovens e adultos voltado para a sustentabilidade, ou seja, um espaço educador sustentável. Essa escola deve buscar respostas a perguntas como estas: como educar em um cenário de mudanças climáticas? Como formar pessoas que escolham viver de formas menos impactantes, mais responsáveis e saudáveis? As escolas estão preparadas para se adaptar às novas realidades ambientais? Como elas podem ser locais de educar para a construção de sociedades sustentáveis?

As escolas estão preparadas para se adaptar às novas realidades ambientais? Como elas podem ser locais de educar para a construção de sociedades sustentáveis?

A ESCOLA COMO ESPAÇO EDUCADOR

A escola é um espaço historicamente concebido para educar. Alguns a veem como uma invenção que as sociedades encontraram para dar forma, sistematizar e organizar processos educativos que ocorriam de forma espontânea e assumiam distintas feições. Mas ainda que a escola seja a principal maneira de organizar oficialmente as situações de ensino e aprendizagem e tenha se revelado foro privilegiado para disseminar conhecimentos e formar indivíduos e coletividades, não podemos tê-la como a única fonte de educação. Fora dela, os processos educativos continuam se manifestando de diversas formas, espontâ-

neas ou deliberadas, informais ou não-formais.

Todos os espaços que se dedicam à realização plena da educação, em todas as suas formas, podem ser chamados de espaços educadores. Um espaço educador é aquele que concretiza situações de ensino-aprendizagem intencionalmente, ou seja, espaços que assumem a responsabilidade de educar. Para alcançar esse objetivo, os espaços educadores dialogam com a realidade dos aprendentes e se constituem em referências de seus valores para a comunidade.

Uma cidade é repleta de espaços educadores e, a depender das políticas públicas e dos valores que as orientam, pode ser considerada um espaço educador per se, uma vez que cria oportunidades de convivência, propiciando o surgimento de comunidades de aprendizagem. Isto é,

A cidade será educadora quando reconheça, exerça e desenvolva, para além das suas funções tradicionais (econômica, social, política e de prestação de serviços), uma função educadora, isto é, quando assuma uma intencionalidade e responsabilidade, cujo objetivo seja a formação, promoção e desenvolvimento de todos os seus habitantes, a começar pelas crianças e pelos jovens (CIDADES EDUCADORAS, 1990).

Um museu que permite conectar passado,

presente e futuro e transitar entre os tempos, explorando novas perspectivas, promovendo a interação, a comparação de forma criativa e vivencial, é um espaço educador. A praça pública, que estimula o lazer, a troca, a convivência, a valorização e o respeito pelo coletivo, é um espaço educador. Até mesmo uma faixa de pedestres, como a de Brasília, que, ao trazer os dizeres “dê sinal de vida”, torna-se um espaço que educa para a cidadania e para o exercício de direitos. Os parques (Unidades de Conservação) educam ao despertar a curiosidade pela fauna, a flora, a ecologia, a diversidade biológica, mostrando sua importância para a manutenção da teia da vida, sua necessidade de proteção, além de propiciar vivências profundas. Organizações sociais dedicadas à defesa da liberdade, da democracia, da igualdade, da cultura de paz, das artes, do meio ambiente são espaços educadores.

13

A escola pode também se transformar em um espaço educador. Cabe aqui uma ponderação: dizer *que pode se transformar* indica que ser educador não se trata de algo inerente, implícito ao objetivo de educar. Para realizar efetivamente seu imenso potencial educador, é necessário assumir responsabilidades, dialogar sobre seus valores, comprometendo-se de forma coerente e íntegra com seus objetivos.

Em outras palavras, o fato de a escola ter sido criada para educar não garante que logre fazê-lo de forma automática ou inercial, nem que seja o único caminho para tal. Para

que se torne um espaço efetivamente educador a escola deve ser a referência viva dos valores e saberes que se propõe a trabalhar e, assim, criar condições para que a relação ensino-aprendizagem de fato aconteça. Pela coerência de ser o que preconiza, a escola educadora educa toda a comunidade escolar.

Por exemplo, ao revisitar seu PPP, o projeto político pedagógico, de maneira democrática e participativa, além de torná-lo uma ferramenta prática que delinea e comunica claramente seus objetivos, bem como os passos para alcançá-los, a escola se torna educadora. Ao respeitar as diferenças, os saberes tradicionais, as histórias de vida, a diversidade cultural de sua comunidade, com reflexos no currículo como orientador das disciplinas, conteúdos e atividades desenvolvidas, a escola educa. Ao incentivar a interação, compartilhar idéias, revitalizar os espaços de convívio à luz das aprendizagens, a escola educa. Quando vai além dos seus muros, alcança seu entorno, chega à comunidade, às famílias, tornando-se refe-

Quando vai além dos seus muros, alcança seu entorno, chega à comunidade, às famílias, tornando-se referência para mudanças coletivas, a escola se torna um espaço educador.

rência para mudanças coletivas, a escola se torna um espaço educador.

Enfim, para que uma escola seja um espaço educador, ela deve reafirmar constantemente seu compromisso com a educação de qualidade, uma educação equitativa, diversa, plural e sustentável. Esse é um processo em construção e em diálogo com outras escolas, com as políticas públicas, e que vem da observação criteriosa de práticas inspiradoras que mostram inúmeras possibilidades de gerar situações concretas de aprendizagem. O segredo, para o qual a educação ambiental tem muito a contribuir, reside na simplicidade das propostas e em sua conexão com o “mundo da vida”².

Nas palavras do educador norte-americano John Dewey, “a educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida”³.

A ESCOLA COMO ESPAÇO EDUCADOR SUSTENTÁVEL

2 FREIRE, P.; SHOR, I. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 116p.
3 DEWEY, John. Vida e Educação. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 106-179.

Atualmente, as perguntas que não param de soar e que cobram reações das gerações presentes e futuras atentam para a crise ambiental. Essa crise, na verdade, não é apenas ambiental, no sentido de algo distante, do imponderável, mas sim *socioambiental*, que, ao mesmo tempo, origina-se e afeta a maneira de “sermos humanos”: uma crise dos valores e costumes da sociedade contemporânea.

Já não podemos ignorar que os fenômenos climáticos têm sido verificados de maneira cada vez mais frequente e intensa, nem continuar colocando a culpa na natureza, nas chuvas, no governo. É necessário reconhecer o já comprovado impacto da ação humana sobre os ciclos naturais, na alteração das paisagens e sobre a capacidade do planeta em reconstituir-se e continuar oferecendo recursos e serviços ambientais.

Mas não com a intenção de chocar nem de paralisar as pessoas, como têm feito as divulgações midiáticas com seus discursos, em sua maioria, catastrofistas. A ideia é, ao contrário, que a educação utilize a repercussão desses eventos recentes em um sentido afirmativo, positivo, transformador, que, por um lado, mobiliza para a ação *cuidadora*, protetora e preventiva e, por outro, prepara para a reação e adaptação diante de eventos extremos inevitáveis, para que não se tornem de fato desastres, com perdas hu-

manas e ambientais imensuráveis.

Como coloca Edgar Morin⁴ em uma perspectiva alentadora, possuímos um poder de mudança que se intensifica ainda mais em situações de crise, capaz de reverter os cenários catastróficos anunciados e encontrar o equilíbrio sinérgico de que precisamos. Ao reconhecer a capacidade de destruição e as marcas que vamos deixando em decorrência das nossas maneiras de estar no mundo, reconhecemos também, por oposição, o enorme potencial transformador e regenerador do qual somos dotados, principalmente quando refletimos e agimos no coletivo.

Nesse processo, a educação ambiental tem um papel crucial a desempenhar por meio de suas práticas, que valorizam o aprender fazendo, o intercâmbio e aprendizagens intergeracionais, o papel da juventude, a participação democrática e a maneira horizontal de envolver, decidir e fazer. A educação ambiental oferece respostas não apenas voltadas para os resultados, mas para o processo de aprendizagem, onde reside a raiz de uma revolução de hábitos e costumes em favor de um viver mais sustentável.

Os espaços educadores dispostos a atuar na construção de uma nova cultura de sustentabilidade podem valer-se dessas práticas e princípios e empregá-los de maneira trans-

versal, integral e interdisciplinar, tornando-se, assim, *espaços educadores sustentáveis*. Espaços educadores sustentáveis são aqueles que têm a intencionalidade pedagógica de se constituírem em referências de sustentabilidade socioambiental, isto é, “espaços que mantêm uma relação equilibrada com o meio ambiente e compensam seus impactos com o desenvolvimento de tecnologias apropriadas, de modo a garantir qualidade de vida para as gerações presentes e futuras. Permitindo maior qualidade de vida, esses espaços educam por si e irradiam sua influência para as comunidades nas quais se situam”⁵

Vamos então repensar o ambiente escolar, no sentido de torná-lo integrador, educador

e sustentável, o que implica sua adequação em termos arquitetônicos, isto é, redesenhar os espaços de acordo com novas finalidades, mas também o currículo e os processos decisórios locais em coerência com os princípios de sustentabilidade. Tudo isso contribui para um ambiente de aprendizagem e produção do conhecimento, favorável à mudança de posturas de que precisamos para construir sociedades sustentáveis. Afinal, ao construirmos uma escola sustentável, mostraremos ser possível também a transformação de outros territórios – casa, bairro, cidade, estado, nação. E, assim, estimular que surjam, por toda parte e das mais diversas formas, espaços efetivamente educadores e sustentáveis. É para esse fim que pretendem contribuir os textos desta série.

TEXTO 2

ESCOLA SUSTENTÁVEL: CURRÍCULO, GESTÃO E EDIFICAÇÃO

Tereza Moreira ¹

Para que a educação ambiental seja efetiva e contribua com a mitigação dos efeitos das mudanças do clima e a formação de uma nova cidadania, propõe-se que as instituições de ensino sejam incubadoras de mudanças concretas na realidade social, articulando três eixos: edificações, gestão e currículo.

Em *Vigiar e Punir*², o filósofo Michel Foucault estabelece os traços de identidade entre a escola, o hospital e a prisão, desvendando os mecanismos de poder que orientam a arquitetura dessas instituições. Mais voltados ao controle e à disciplina, muitos prédios escolares se transformam em lugares sem conexão com uma aprendizagem prazerosa. Mantêm-se apartados da comunidade/bairro por muros altos, são repletos de grades, têm salas de aula mal ventiladas e pouco iluminadas. Os pátios não possuem árvores e bancos para as pessoas se sentarem, tampouco espaços para jogos e outros tipos de interação. Bibliotecas, laboratórios e salas de informáti-

ca, quando existem, permanecem trancados e sem uso, como forma de evitar depredação. Trata-se, enfim, de espaços pouco inclusivos, que ampliam ainda mais as barreiras para estudantes com deficiência física e com dificuldades de aprendizagem.

O ESPAÇO FÍSICO COMO JANELA DE OPORTUNIDADES

17

Esse é, infelizmente, o retrato de muitas escolas brasileiras. Uma realidade que precisa mudar quando se toma a decisão de trabalhar por uma educação de qualidade, voltada à geração e transmissão de conhecimento e, principalmente, à transformação das relações socioambientais, com vistas a uma nova cidadania e à permanência da vida no planeta.

Com intencionalidade de educar para novas formas de convívio em sociedade e com a natureza, a edificação escolar tem a potencialidade de educar por si, revelando nos

¹ Jornalista, educadora ambiental e consultora da Coordenação Geral de Educação Ambiental, do Ministério da Educação.

² FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

ambientes criados as premissas do cuidado com as pessoas e com o ambiente. Algo que, por si só, tem poder multiplicador, como uma janela de possibilidades que se abre, trazendo alento e esperança para as localidades onde se situam.

A revolução no espaço físico torna-se possível quando, ao lado da decisão política de promover a mudança cultural da escola em favor da sustentabilidade, aliam-se práticas claramente definidas nessa direção. A decisão envolve a pesquisa quanto ao uso e ao funcionamento dos prédios escolares, a concepção de espaço escolar que se deseja e o desenho arquitetônico que atende às necessidades levantadas em cada local.

Tal concepção considera a adequação ao bioma e à paisagem em que a escola se situa e a preocupação em contribuir com o entorno, tornando-o mais belo e ambientalmente saudável. Um projeto arquitetônico voltado para a construção de espaços educadores sustentáveis baseia-se na integração entre o ambiente natural e o espaço físico, e pela criação de áreas construídas que estimulem a convivência e a cooperação entre as pessoas. Para isso, o projeto precisa prever o apro-

veitamento da topografia e da luz natural, enfatizar a eficiência energética, favorecer a acessibilidade. Integrando conhecimentos tecnológicos atuais com saberes tradicionalmente adotados, o edifício escolar sustentável busca soluções e materiais construtivos adaptados a cada local e de fácil aceitação pela comunidade.

Tem como premissas gerar conforto térmico e acústico e, ao mesmo tempo, diminuir impactos ambientais, economizando recursos como eletricidade e água; favorecer a arborização e a produção

local de alimentos, por meio de hortas e hortos frutíferos; buscar sistemas de saneamento mais inteligentes e melhorar a mobilidade, com a escolha de

opções de transportes que gerem menos impactos, reduzam a pegada ecológica e favoreçam a saúde ambiental.

Espaços como esses podem parecer idílicos, produto da mente de arquitetos de países desenvolvidos. Mas eles também existem no Brasil. Bons exemplos de escolas regidas pelas premissas da sustentabilidade já despontam tanto no meio urbano quanto no rural. Sejam moldadas pela ótica *high tech*, seja pelas premissas de releitura de antigas técnicas

Bons exemplos de escolas regidas pelas premissas da sustentabilidade já despontam tanto no meio urbano quanto no rural.

construtivas, as escolas sustentáveis estão presentes tanto em iniciativas como a do Senai, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, quanto em escolas indígenas em meio à Amazônia. Em alguns casos, a guinada em direção à construção de espaços educadores sustentáveis partiu de uma decisão política e de práticas que promoveram a transformação em bloco, desde a concepção até a construção. O mais provável e exequível, no entanto, é o movimento contínuo das escolas em transição para a sustentabilidade, considerando uma política pública voltada à construção de espaços educadores sustentáveis.

Afinal, a busca de sustentabilidade não pode ser considerada aquela utopia final, algo para onde a humanidade deve se dirigir, como se fosse o resultado luminoso a ser alcançado no fim de um longo túnel. A ideia da transição para a sustentabilidade parte das condições atuais de cada escola, abrindo o leque de opções para que cada qual encontre o caminho que lhe é mais adequado. Caminhar é a meta. Afinal, a cada passo dado se descortina um novo horizonte, novos desafios surgem e novas soluções são dadas.

A sustentabilidade social pressupõe gestão participativa em dimensões como democracia, equidade e diversidade (de raça, gênero, cultural, geracional, regional).

ESTRUTURAS DE GESTÃO QUE GARANTAM A MUDANÇA

A decisão de trilhar o caminho da sustentabilidade pressupõe a existência de instâncias de poder na escola capazes de empreender as iniciativas necessárias para torná-la gradualmente mais sustentável. Significa também a existência de forças vivas capazes de manter essa caminhada, estimulando a adoção de uma cultura que dê suporte às inúmeras decisões tomadas. Afinal, de nada

adianta decidir separar o lixo orgânico do lixo seco e investir na reciclagem de materiais, por exemplo, se essa decisão não é compartilhada e mantida por meio de procedimentos diários que garantam a sua realização.

Nesse sentido, além das mudanças no espaço físico, é necessário haver estruturas de gestão que valorizem e promovam a mudança. Isso se torna mais fácil quando se tem um sonho compartilhado e um engajamento coletivo em realizá-lo. A sustentabilidade social pressupõe gestão participativa em dimensões como democracia, equidade e diversidade (de raça, gênero, cultural, geracional, regional).

Uma gestão democrática do espaço e do coletivo escolar passa, necessariamente, pela revisão de instrumentos que muitas vezes constituem meras formalidades na escola, como o regimento interno e o Projeto Político Pedagógico, mas que, se bem utilizados, guardam um imenso potencial transformador. Revitalizar esses instrumentos e torná-los “letra viva”, cujo conteúdo seja estabelecido e respeitado pelo coletivo escolar, é uma forma de garantir abertura para as mudanças necessárias. A gestão democrática pressupõe também a criação de outros espaços institucionais, como as Comissões de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola – a Com-Vida.

A Com-Vida, tal como preconizada pela Coordenação Geral de Educação Ambiental do Ministério da Educação (CGEA/MEC), tem como um de seus objetivos a criação de espaços que possibilitem o pleno exercício da cidadania na escola. Espaços para debates, para a tomada de decisões compartilhadas entre gestores(as), professores(as), estudantes e integrantes da comunidade, que poderão exercer controle social e realizar a gestão da escola sustentável. Essa comissão tem a função de promover o intercâmbio entre a escola e a comunidade, com foco nas questões

socioambientais vivenciadas localmente.

Pode ser que a escola tenha outras instâncias decisórias, como conselhos escolares, grêmios, associação de pais e professores... Independentemente da formação de Com-Vida, é importante que os espaços adotados inspirem a responsabilidade compartilhada pela gestão escolar, a construção coletiva de uma visão de futuro e de formas de implementá-la com base em prioridades eleitas de forma democrática e republicana.

O desafio curricular é exercitar o pensar e o agir global e localmente no marco das mudanças ambientais nas quais a escola e a comunidade se inserem.

Como passos para a formação de Com-Vida na escola há o Acordo de Convivência, em que se estabelecem as regras de funcionamento dessa instância, e a Oficina de Futuro, que identifica as temáticas mais relevantes para

a guinada da escola em direção à sustentabilidade, estabelecendo um plano de ação ou Agenda 21 da escola.

Com a criação da Com-Vida é possível mobilizar-se para conseguir um perfil da escola em sua amplitude socioambiental, de planejamentos físicos e pedagógicos, considerando o espaço, o currículo e a gestão. Algumas questões emergentes que podem se converter em pautas da mudança envolvem,

por exemplo, a adoção dos 5 R's: Refletir, Recusar, Reduzir, Reutilizar, Reciclar (nessa ordem), como princípios da escola em relação à sua política de compras. Outra pauta típica para a Com-Vida é a ênfase na alimentação natural e saudável, com produção local, favorecendo trocas entre a escola e a comunidade por meio da economia solidária.

REVOLUCIONAR O CURRÍCULO

Por último, espaços educadores sustentáveis enfrentam grandes desafios para mudar as formas de pensar e agir a partir das interações dinâmicas entre ambiente, cultura e sociedade, em uma perspectiva contemporânea. Nesse sentido, a inserção curricular da educação ambiental no Projeto Político Pedagógico da escola, de forma inter e transdisciplinar, promove a construção do conhecimento com uma postura crítica, ética e transformadora de valores que reorientem atitudes para a construção de sociedades sustentáveis.

O desafio curricular é exercitar o pensar e o agir global e localmente no marco das mudanças ambientais nas quais a escola e a comunidade se inserem. Trata-se de contextualizar a transformação preconizada. A coleta seletiva ou a adoção de novos hábitos alimentares, por si só, são interessantes. Mas ganham profundidade e capacidade de mudar a cultura quando internalizados pelo coletivo escolar no marco mais amplo da

necessidade global de poupar recursos naturais, promover a saúde humana e conduzir a uma ética de respeito e cuidado pelos destinos das presentes e futuras gerações.

Há muitos exemplos de como inserir no currículo as questões de sustentabilidade. O próprio desenvolvimento de ecotécnicas, voltadas a reformar/readequar os espaços físicos da escola, pode se converter em oportunidade para tratar de diversas temáticas relacionadas com as mudanças socioambientais globais e da construção de um novo pacto societário, marcado pelo cuidado.

O cardápio de ecotécnicas disponibilizadas no Processo Formativo em Educação Ambiental: Escolas Sustentáveis e Com-Vida, desenvolvido em 2010 pela CGEA/MEC em parceria com as universidades federais de Mato Grosso (UFMT), Mato Grosso do Sul (UFMS) e Ouro Preto (UFOP), exemplifica algumas possibilidades de tratamento inter e transdisciplinar. Dentre estas estão: telhado verde e ventilação dos telhados, fogão solar, técnicas associadas à captação de água, banheiro seco, compostagem e horta escolar, utilização do óleo de cozinha, tratamento de resíduos e coleta seletiva, produção de tinta de terra, biodigestor, consumo verde e compras sustentáveis.

O tratamento de resíduos, por exemplo, pode suscitar um levantamento do nível de consumo da escola, o que envolve Matemática; o estudo dos hábitos de consumo ao

longo da História; os problemas de poluição causados por produtos tóxicos e não recicláveis, usando a Química; ou a educação financeira ligada ao consumo sustentável e à economia solidária. Este exercício pode ser feito a partir de uma revisita ao Projeto Político Pedagógico da escola e da formação continuada de professores.

Nesse sentido, a formação para escolas sustentáveis representa um desafio contínuo e volta-se não apenas para a qualificação de

professores e estudantes, mas para todo o coletivo escolar: estudantes, professores, gestores, funcionários e membros da comunidade diretamente engajados nos destinos da escola. Essa formação volta-se a realizar um movimento que une aprender-mobilizar-atuar-construir novos saberes que permitam evoluir numa espiral ascendente de possibilidades em direção a um novo patamar civilizatório, tendo a escola como um farol a irradiar uma nova cultura para a comunidade.

TEXTO 3

VIDA SUSTENTÁVEL: AÇÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS

Rachel Trajber¹

A coisa não está nem na partida nem na chegada. Está na travessia (Guimarães Rosa).

Nós, seres humanos, co-habitamos, compartilhamos e convivemos com outros seres também mortais, em uma mesma esfera de vida – a biosfera. Para nos percebermos como parte de um sistema integrado, complexo, mas também frágil e cheio de incertezas, devemos abandonar o antigo sonho (ou seria um pesadelo?) de dominar o universo pelo uso do poder e da técnica.

Se até meados do século passado, essas ações humanas e suas intervenções tecnológicas não causavam danos profundos e duradouros à biosfera, atualmente a civilização ocidental descobre que a tênue teia da vida tem uma vulnerabilidade imprevisível diante das intervenções humanas. Estamos envolvidos há gerações na construção histórica de uma sociedade contraditória: ao mesmo tempo em que gera inovações, criações, arte, democracia, ciência, filosofia, espiritualidade, solidariedade, provoca também destruição, competição, iniquidade, consumismo, individualismo, barbárie, poluição... Eixos antagônicos que

movem um modelo injusto, homogeneizador, concentrador de renda e poder.

Tais contradições geraram uma crise ambiental nunca vista na história. Isso se deve à irresponsabilidade na utilização de nossos poderes humanos, já que tudo o que fazemos tem efeitos colaterais e consequências não antecipadas, que tornam inadequadas as ferramentas éticas que herdamos do passado diante dos poderes que possuímos atualmente. Um dos mais lúcidos filósofos contemporâneos, Hans Jonas, descreveu, com uma simplicidade contundente, a crise ética de profundas incertezas em que nos achamos: “nunca houve tanto poder ligado com tão pouca orientação para seu uso. Precisamos mais de sabedoria quanto menos cremos nela”².

A Educação Ambiental assume, assim, a sua parte no enfrentamento dessa crise, radicalizando seu compromisso com mudanças de valores, comportamentos, sentimentos

1 Doutora em Antropologia e Coordenadora Geral de Educação Ambiental do Ministério da Educação.

2 HANS, J. *O Princípio da Responsabilidade*. [S.l.]: Contraponto Editora, 2006.

e atitudes, o que deve se realizar junto à totalidade dos humanos, de forma permanente, continuada e para todos. Uma educação que se propõe a fomentar processos continuados que possibilitem o respeito à diversidade biológica, cultural, étnica, juntamente com o fortalecimento da resistência da sociedade a um modelo devastador das relações de seres humanos entre si e destes com o meio ambiente³.

Nesse sentido, a Educação Ambiental não pode se reduzir a uma atuação focada apenas no indivíduo de maneira fragmentada, nem tampouco pode se voltar para coletivos genéricos, abstratos, fora do

contexto territorial e histórico. Transformações societárias independem da somatória de indivíduos isolados, em que “cada um faz sua parte”, como naquela história do pequeno beija-flor que tenta apagar o incêndio em uma mata carregando água no bico. Estão, sim, relacionadas com o reconhecimento e a valorização da perspectiva individual, mas não podem se contentar apenas com essa etapa inicial.

Em outras palavras, ainda que a transformação de mentalidade de que precisamos passe por uma postura individual ética, coerente e sustentável, que precisa ser estimulada pela escola, é necessário um passo a mais no sentido de assumirmos responsabilidades coletivas rumo à mudança urgente e radical de que precisamos para construirmos sociedades sustentáveis.

A Educação Ambiental se torna, assim, uma política pública voltada para o futuro que, tendo as escolas como referência de espaços educadores para suas comunidades, educa para sociedades sustentáveis.

Vivemos em sociedade, na relação com o mundo, com as demais espécies e com o meio ambiente; somos inseparáveis: indivíduos, sociedades, *homo sapiens*. Portanto, tornamo-nos coletivamente respon-

sáveis por cuidar da fina camada de vida no planeta. E cuidar do planeta começa, assim, por cuidar de nós mesmos, de nossas relações com os demais e com o todo que nos cerca. Conforme disse Gandhi, *seja a mudança que você quer ver no mundo*.

A Educação Ambiental se torna, assim, uma política pública voltada para o futuro que, tendo as escolas como referência de

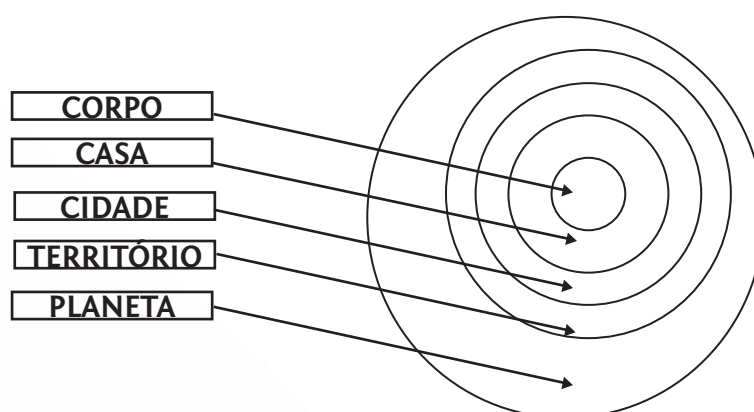
3 SORRENTINO, M.; TRAJBER, R. Educação Ambiental como Política Pública. 2007. <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a10v31n2.pdf>

espaços educadores para suas comunidades, educa para sociedades sustentáveis. E cumprindo esse papel estratégico no tempo contemporâneo das ações transformadoras, alerta que as ameaças, assim como as possibilidades de superá-las, são contemporâneas e apresentam desafios para as gerações presentes, não apenas para as futuras. Como manifestaram jovens de 47 países

AS 5 CASAS

A partir da informação de que ‘eco-logia’ e ‘eco-nomia’ têm o mesmo prefixo de origem grega: *oikos* = casa, podemos ampliar essa noção de casas das mais diversas maneiras, dimensões e direções. Casas podem ser percebidas como espaços físicos, concretos e também simbólicos, espaços afetivos que nos abrigam, envolvem, com os quais interagimos em nosso cotidiano e sobre os quais tomamos decisões.

Uma das maneiras possíveis seria imaginar essas casas na forma de círculos *excêntricos*, conforme a figura a seguir.



Na centralidade temos o **Eu**, ou seja, o indivíduo, no sentido de pessoa abrigada por um corpo, por um ser interior, com vida, pensamentos, sentimentos, espiritualidade, memórias, afetos, criatividade. Observe que

participantes da Conferência Internacional Infantojuvenil “Vamos Cuidar de Planeta”, na Carta de Responsabilidades de mesmo nome, *se não formos nós, então quem; se não for agora, então quando?*⁴.

Vejamos dois exemplos de como ações individuais são, ao mesmo tempo, coletivas: **as 5 casas e os 5R**.

essa pessoa está bem longe daquele indivíduo que é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de consumo, ligado às aparências externas, individualista e egoísta, guiado apenas pelos desejos.

4 MEC/MMA. Carta de Responsabilidades Vamos Cuidar do Planeta. Brasília: Conferência Internacional Infantojuvenil « Vamos Cuidar do Planeta », 5 a 10 de junho de 2010.

Como disse o poeta: “o meio ambiente está no meio de nós”. Nesse sentido, consideramos, como nossas casas, os diversos espaços que habitamos. Mas quais casas seriam essas? E, mais importante, como conhecemos, respeitamos e, especialmente, como **cuidamos** delas?

Primeira casa – o nosso **corpo** físico, nosso ser integral, que respira, alimenta-se, bebe água, movimenta-se, anda, brinca, aprende, dialoga... Que, com os sentidos, percebe a vida. Como está a minha qualidade de vida? Cuido da saúde do meu corpo (quais produtos uso no banho, nos cabelos)? Que tipo de alimentos como? Faço exercícios ao ar livre? Como é a qualidade do meu tempo? Quanto e o que assisto na TV? Quais livros eu leio?

Segunda casa – a **casa** onde moramos. Vamos ver se é um espaço limpo, arejado, claro e saudável. No sentido de lar, que inclui também o envolvimento com a família, os nossos afetos, a qualidade das relações familiares e de amizades. Como cuidamos da nossa casa e dos nossos afetos? Esse é o melhor lugar para iniciarmos uma cultura de paz com as relações afetivas mais próximas. Como se dão as relações com os vizinhos, os amigos, a família?

Terceira casa – o nosso *pedaço*, a **comunidade**, a nossa **escola**, locais por onde circulamos. Na cidade, pode ser o bairro, o quarteirão; pode ser o município, espaço

político-administrativo, com área rural, área urbana, florestas, rios. Essa é a casa da sociabilidade, da vida social, com a nossa comunidade. Como estão as relações sociais no pedaço, na escola e na nossa comunidade? Como podemos ajudar a cuidar delas para construir uma cultura de paz e sustentabilidade social na comunidade?

Quarta casa – o **território**, o bioma e a bacia hidrográfica onde vivemos. O Brasil como nação. Se pesquisarmos como se formaram a fauna e a flora de nossa região, o clima, de onde vem a água que usamos em casa, na escola, no trabalho, perceberemos que compartilhamos tudo isso com outros seres vivos: plantas, animais, gente, assim como com os seres inanimados que compõem o local. Ter consciência disso é fundamental para a construção de identidade e de pertencimento com o ambiente onde vivemos. Passamos a entender melhor que o que acontece à montante (rio acima) pode afetar a jusante (rio abaixo). O que alguém faz em qualquer local chega até a foz e deságua nos mares e oceanos. Como, então, podemos ter consenso entre os habitantes de um território (uma região, bioma, bacia hidrográfica, estado ou país) garantindo que os direitos de todos sejam respeitados?

Quinta casa – o nosso **Planeta**. Como já vimos, dependemos da fina camada sobre a terra, a biosfera e, para cuidar dela, precisamos agir e pensar local e globalmente. Esta

casa abriga as bases político-socioeconômicas, onde as ações locais repercutem no Planeta como um todo. Vamos pesquisar, propor alternativas de transformação em nosso local, contribuindo para a adaptação às novas condições de interação com o Planeta. Vamos pensar nas ações educadoras de que necessitamos para mudar a visão de mundo coletiva e quais valores realmente contribuem para a sobrevivência, ou melhor, para a vivência humana, com qualidade de vida. Não é somente uma questão de reduzir os impactos, de mitigar ou minorar os estragos, de reduzir o lixo, de cobrar pelo uso ou poluição da água, de compensar pelos danos à atmosfera. Estamos no momento de propor uma mudança radical na forma de ver a sociedade. Cuidar do Planeta significa pensar com responsabilidade pelo presente e pelo futuro.

OS 5R

Ao pensarmos na sociedade de consumo e os 5R, a lógica das 5 casas se inverte: o Planeta está na centralidade, não as pessoas. A fim de reduzir as marcas que deixamos no Planeta, precisamos atuar com responsabilidade socioambiental e revolucionar a economia de mercado global, tornando-a uma 'eco-nomia' de mercados locais.

Em um espaço educador sustentável não são suficientes as práticas superficiais dos 3R (**Reduzir, Reutilizar e Reciclar**), pois não levam ao comprometimento real das pessoas

em direção à sustentabilidade. O foco deve estar no começo de tudo: Por que produzimos tanto lixo? Por que consumimos tanto? Quais são as condições de produção dos objetos que consumimos?

Ao respondermos a essas questões, perceberemos que antes de reduzir a geração de lixo, que se foca no descarte de algo já consumido, devemos antes revisar a lógica que originou tal consumo. Questionar as reais motivações de cada nova aquisição, cada produto comprado, despertar um olhar crítico ante as falsas necessidades geradas e incutidas por diversos meios, de buscar conhecer o que é melhor para nós mesmos, discernir o que é necessidade genuína. E, dessa forma, evitar consumos desnecessários. Assim, propomos dois passos anteriores aos 3Rs, Refletir e Recusar. Assim, teríamos:

27

- **Refletir** sobre os processos socioambientais de produção e consumo;
- **Recusar** significa evitar o consumo exagerado e desnecessário e recusar produtos que causem danos ao meio ambiente ou a nossa saúde;
- **Reduzir** a geração de lixo. Significa desperdiçar menos, consumir só o necessário;
- **Reutilizar** é dar uma nova utilidade a materiais que, na maioria das vezes, consideramos inúteis e jogamos fora;
- **Reciclar** é transformar algo usado em algo novo por meio de processos industriais.

Percebemos que a escola tem um papel fundamental para revisar nossos padrões de consumo à luz da política dos **5R**, particularmente no que se refere aos três primeiros, diretamente relacionados às origens do consumo, ou seja, à raiz do problema de geração de resíduos. Só então, nessa ordem, vêm o **Reutilizar** e o **Reciclar**. Esses últimos são os mais conhecidos e os mais valorizados por nossos meios de comunicação, pelas empresas que investem em responsabilidade socioambiental, mas que não têm muito interesse em questionar a própria necessidade de consumo, para reduzi-lo. São importantes, mas principalmente quando usados como últimos recursos quando o consumo é, de fato, indispensável. Inclusive, já começamos a adotá-los, sem contudo, gerar mudanças coletivas profundas como possibilitam o **Refletir**, **Recusar** e **Reduzir**. Passemos então a eles, mais especificamente.

Refletir sobre o ciclo socioambiental de produção dos bens de consumo. De onde vem o produto que consumimos e para onde vai? É preciso conhecer desde a matéria-prima, os modos, meios e processos de produção de cada produto; passando pela distribuição, o transporte e a embalagem, chegando ao descarte, quando vira lixo.

Enfim, a pergunta deve ser: será que tal produto contribui para a sustentabilidade em seu processo de produção, transporte, uso e descarte? Usa trabalho escravo, trabalho

infantil, quais as condições de saúde dos trabalhadores? E os efeitos sobre a nossa saúde, desde a produção até o consumo?

Tudo está interligado. Por exemplo, a matéria-prima deve ser a mais renovável e menos poluente possível em sua extração; na distribuição, devemos preferir produtos produzidos perto da gente, pois os que são fabricados longe precisam ser transportados por longas distâncias, quer dizer, consomem mais combustível, emitem mais gases de efeito estufa, ao mesmo tempo em que podem sofrer danos e se deteriorar pelo caminho, principalmente quando perecíveis. Até a necessidade de embalagens deve ser repensada, já que invariavelmente vão para o lixo. Finalmente, devemos pensar na vida útil de cada produto: quanto durará e como pode ser reaproveitado antes de ser finalmente descartado. Aulas de História e Geografia podem fornecer importantes subsídios para essa reflexão em um diálogo inter e transdisciplinar.

Recusar consumo. Se, depois de refletir, chegarmos à conclusão de que o produto não é socioambientalmente sustentável, precisamos recusar seu consumo. Se o produto gera lixo demais, não pode ser sustentável. Caso tenha muitas embalagens, também deve ser rejeitado. Um bom exemplo a ser pensado refere-se à produção dos alimentos que chegam à nossa mesa. Aquele refrigerante, biscoito ou salgadinho passa pelo crivo da sustentabilidade?

Reduzir o consumo. Quais os passos necessários para a recusa do supérfluo e redução do consumo na direção da sustentabilidade planetária? Vamos começar por duas questões: a) Devemos consumir o que é descartável ou preferir o que seja mais durável? b) Será que precisamos mesmo deste produto?

Pela revisão de atitudes e hábitos cotidianos, teremos condições de reavaliar valores associados ao consumo.

Se compreendermos – efetivamente – que um copo descartável vem de uma matéria-prima que precisou de milênios para se formar, consumiu energia para ser fabricado, mas bastam poucos segundos de uso para ser descartado; que seu resíduo, por sua vez, será transportado (com custos pagos por toda a sociedade) e despejado num lugar onde permanecerá por milhares de anos enquanto se decompõe; e que essa decomposição pode acarretar uma poluição prejudicial aos seres vivos, inclusive à saúde, criamos um comprometimento que proporciona uma nova forma de agir.

O que podemos fazer, então, para reduzir o consumo? Será que precisamos de tudo isso? O que vem, de onde vem? Como foi produzido? Precisa de tantas embalagens? Será que, pela escolha do que adquirimos, poderemos ajudar a tornar a sociedade mais sustentável? Como estamos usando os materiais? Existe desperdício? Cuidamos bem daquilo que temos, para que dure mais?

O que podemos fazer,
então, para reduzir o
consumo? Será que
precisamos de tudo isso?
O que vem, de onde vem?
Como foi produzido?
Precisa de tantas
embalagens?

Todas essas são questões fundamentais que qualquer cidadão deve habituar-se a se colocar antes de decidir sobre adquirir ou não um novo bem, serviço ou produto. A escola é um espaço fundamental para estimular o surgimento e disseminação dessa cultura e,

mais que isso, pode servir de exemplo, de referência por meio das práticas articuladas coerentemente entre os três eixos de currículo, gestão e espaço construído, para, enfim, poder ser vista como um espaço educador sustentável, que reconhece e utiliza todo o seu potencial transformador em prol da construção de sociedades sustentáveis.

Presidência da República

Ministério da Educação

TV ESCOLA/ SALTO PARA O FUTURO

Coordenação-geral da TV Escola

Érico da Silveira

Coordenação Pedagógica

Maria Carolina Mello de Sousa

Supervisão Pedagógica

Rosa Helena Mendonça

Acompanhamento Pedagógico

Simone São Tiago

Coordenação de Utilização e Avaliação

Mônica Mufarrej

Fernanda Braga

Copidesque e Revisão

Magda Frediani Martins

Diagramação e Editoração

Equipe do Núcleo de Produção Gráfica de Mídia Impressa – TV Brasil

Gerência de Criação e Produção de Arte

Consultora especialmente convidada

Carla Borges

E-mail: salto@mec.gov.br

Home page: www.tvbrasil.org.br/salto

Rua da Relação, 18, 4º andar – Centro.

CEP: 20231-110 – Rio de Janeiro (RJ)

Junho 2011